

a São Paulo desapontando os que o esperavam (e eu era um deles) pois vinha apenas com pequeno grupo de oficiais, fazendo-nos perder um tempo precioso de ataque inesperado contra o ditador. Isto corria entre nós da retaguarda,

* quando eu, Partícipe ^{desta} revolução 5a
deste seus preparativos, primeiramente como angariador de fundos monetários entre industriais; ^{em seguida} como sub-chefe executivo da Federação das Indústrias do Estado de São, e, depois, na guerra, encarregado da chefia de levantamentos ^{e controle} do material de guerra em mãos de particulares de todo o Estado de São Paulo, em instituição criada por decreto estadual do Estado.

A colaboração de Guilherme com o pai foi publicada sob título de

~~publicado por a. b. de~~ CMP 2.2.5.6.8-2 1^{ma} for 74
"Contribuições para a História da Revolução
Constitucionalista de 1932" da qual fiz
sua ~~exemplar~~ ^{para mim,} com a honrosa ~~para~~
~~minha~~ dedicatória

"Meu amigo,

Você que deu a este livro a im-
portância de o adquirir e pedir-me
um autógrafa, afim de tê-lo na sua
biblioteca, não lhe empreste valia
além do valor de um depoimento
sincero e despretencioso do que foi
a nossa Grande Epopeia de 1932".

(a) Euclides Figueiredo.

Mas continuou Guilherme com a
sua abundante e valiosa produção li-
terária que lembramos, como "A Munto
Curiosa História da Matrona de Efeso,
com a comédia "O Retrato de Amélia", e "Pas-
sei debaixo do arco Iris", com a peça
infantil "A Menina Sem Nome",
~~Comédia~~ e outros. "O Asilado", o Tra-
tado Geral do chato, com ilustração

inteligente ~~caricaturas~~ ~~das figuras~~ dos chatos em suas
cômicas atitudes.

CNP 2.1.9.6.8-38

Tradução do "Tartufo" de Molière, "Balada"
Para Satã, "O Outro Lado do Rio"
"As Exelências, ou Como Entrar para
a Academia", de cuja orulha subscri-
ta por Mario da Silva Brito, colhe-
mos a crítica sob o título "Mistérios
da Academia":

Basta ser um bom escritor para
ter uma poltrona na Academia Bra-
sileira de Letras?

Em tese assim deveria ser. Mas
não é o que se passa na prática:
a Casa de Machado de Assis tem seus
macetes para receber sous la coupole
aqueles que buscam o ilustre convívio.
Entre o desejo de ser acadêmico e a
aceitação do candidato à vaga aberta,
há muito mais mistério do que
supõe nossa vã e pasteira per-
cepção". . . .

E a Editora Civilização Brasileira esclarece: 'Neste livro, que fatalmente provocará polêmicas e discussões — Guilherme Figueredo narra a sua experiência de candidato a uma vaga no Petit Trianon.

Com muita graça e ironia, com espusante verve ou cáustico humor, o autor do Tratado Geral do Chato faz indiscretas revelações sobre famosos ocupantes do Cenáculo nacional.

Livro polêmico e acusador, mas ~~bonito~~ de tom elevado e de festivo e ágil estilo, "As Excelências" representam importante depoimento sobre a mais alta instituição intelectual da burguesia brasileira"

Do mesmo ano de publicação o "Comidas Men Santo" veio acusar a fecunda produção literária de Guilherme Figueredo e dando — nos mais esta obra da qual se pergunta:

" Livro de cosinha? Sim livro de receitas.
 Ensaio sociológico? Ensaio histórico?
 Livro de humor? Talvez um pouco
 de cada, mas sobretudo livro de ternura,
 ternura pela Guanabara e pela
 sua cosinha escassa, esquecida, mas
 de gloriosos achados.

Os vinte e quatro livros de Guilherme
 que possuo, passam eles de Comidas Meu Santo,
 de 1964, para 1969 com o ^{mais precioso} precioso, por
 se ligar a Campinas, "Rua de Tilssit",
 que é ~~essa~~ ^{o nome} nome de cidade russa ^{se de tratado} que se fez
 entre Napoleão e Alexandre I da Rússia,
 em 1807. Depois "Seis peças em Um Ato",
 com que Guilherme quis aumentar, para
 amadores, as pequenas peças teatrais,
 e mais "Maria da Ponte" ~~Tratado~~
 peça em três atos musicada por Aloísio Alencar
~~total dos quatro~~ Pinto. Depois "Brasil, África e Portugal" com
 manuscrito do seu oferecimento a ~~dizer-me~~

~~"Meu caro Celso - Você não calcula a alegria
de ver enaltecidos seus méritos na revista
"Veja" - sinto-me mais campineiro
do"~~

Depois vem a luz da publicidade o livro
de versos "Ração de Abandono" onde encontro
o soneto Shakespeare XXII

Nunca espelho dirá que eu envelheço
Se juventude e vós fôdes só uma,
Porem se o tempo vos cobrar seu ~~tempo~~ preço
Em rugas, ai, que a morte me consuma!

Porque toda a beleza que vos orna
É um hausto que, por meu, e de nós dois
E respirais de mim e a mim retorna.
Como então ser mais velho do que sois?

Por isso peço agasalhai no seio,
Meiga enfermeira de recém-nascido,
O coração que usais, pelo meu
Le vê-lo sofedor e combatido.
Guardai-o; se viver do meu não posso,
Não viverei, se devolver o vosso.

Seguindo
a 8

1912
1856
56

Seria impossível neste curto espaço do
 nosso presente convívio, dizer de forma comple-
 ta a produção literária, em prosa e verso,
 de Guilherme Figueiredo. Seus escritos pri-
 morosos se espalham por um volume
 respeitável de livros, com mais seus traba-
 lhos pela imprensa para a qual sempre
 produziu com o seu talento, com a sua agi-
 lidade mental constante e vasta para
 glorificar sua cidade natal - Campinas -
 que se pode orgulhar de ser berço de
 de mais talentos ^{cuja fama ultrapassou nossas fronteiras:} na música, Carlos Gomes;
^{na poesia o príncipe dos poetas} Guilherme de Almeida;
 na oratória Cesar Bierrenbach, no jorna-
 lismo Francisco Curino dos Santos, na es-
 cultura Nicolina Vaz, na pintura Aldo Car-
 delli, ~~na oratória João Batista~~
~~na pianística Menininha~~ Estelinha
 Epstein e Menininha Lobo.

Campinas, com seu solo riquíssimo teria
~~Guilherme de Almeida~~

coadjuvado ^{no} ~~no~~ florescimento artístico de filhos seus,
 naturais ou adotivos? "os organismos vivos,
 no ambiente que os rodeiam, absorvem, inge-
 rem os elementos indispensáveis à sua consti-
 tuição". Por estes elementos ou por outros

CMP 2.1.9.6.8-8

congêntos, Campinas pode contar em seu (13) tempo passado, com elementos de escol que fizeram a Princesa do Este coroada por talentos que hoje admiramos; e nesta tríade podemos apontar o segundo poeta Guilherme

Guilherme da Silva

Inteligência privilegiada era ele uma formosa estampa masculina; ~~em~~ ~~organizado~~ nasceu ~~em~~ ~~em~~ ~~em~~ ~~em~~ no Rio de Janeiro, conforme notas inseridas em livro próprio do seu pai; ~~hábito~~ ~~representando~~ ~~carinho~~ ~~paterno~~ ~~e~~ ~~documentação~~ ~~valiosa~~ ~~de~~ ~~família~~.
"Na casa n.º 55 da Rua do Lavradio nasceu no dia 2 de dezembro de 1855, às 6 3/4 horas da manhã, um menino que minha mulher deu à luz, o qual deverá chamar-se Guilherme e foi batizado em o dia 8 de dezembro de 1856 sendo padrinhos Luís José Ferreira Tinoco e Sr. Guilhermina Xavier Alves Tinoco, sendo batizado na casa n.º 107 da rua do Lavradio, Freguesia de Santo Antônio".
* Nota: O assentamento deste batismo deve ser procurado na Freguesia de Santo

CMP 2.4.9.6.8-9 14

Antônio dos Povres". "Era filho de Bento Gonçalves da Silva junior e de Leonor Xavier Alves da Silva, naturais do Rio de Janeiro tendo tido por avós paternos Bento Gonçalves da Silva e Rita Gonçalves da Silva e por avós maternos Paulo Ferreira Alves e Luíza Xavier Tinoco Alves." Fez seus estudos primários; ~~os~~ os de "humanidades no colégio Pinheiro, estes "com raro brilho", facilmente fazendo os preparatórios que permitiam matricular-se com apenas 17 anos, ~~matriculando-se~~ na Faculdade de Medicina, doutorando-se a 2 de setembro de 1878, com distinção.

Formado, mudou-se para Campinas ~~onde~~ ~~onde~~ onde já residia um seu parente, com família. Em março de 1879, casou-se com sua parente Luíza Bastos da Silva de quem enviuvou, casando com irmã de sua primeira esposa, em julho de 1891, Hermínia Bastos da Silva.

Sua tendência para a poesia

cedo se manifestou, pois versou
em ^{16 de} abril de 1873, ^(com 18 anos portanto) conforme original
poético que deixou sob o título de
"Eu sempre me lembrarei", datado
e assinado de ^{per} próprio punho:

"Dos dias de minha infância
que nunca mais eu verei;
chorando o doce passado
- Eu sempre me lembrarei -

Do doce aroma das flores
das flores que eu plantei,
das arvores nos arredores
da natureza os segredos
- Eu sempre me lembrarei.

Do pé de flor amarela
onde mil vezes trepei;
do colégio em que estudava
dos bolos que apanhei
- Eu sempre me lembrarei

Da casa em que eu nasci
dos beijos que eu levei
Em fim de toda ess' história
se não falhar me a memória
- Eu sempre me lembrarei

b) G. Silva

16	34	-	1873
8	12		1865
7	22		18

Elele noticiou a Imprensa duas mudanças de residência - consultório em Campinas:

Em 29 de janeiro de 1882, da "Gazeta de Campinas:"
 "O dr. Guilherme participa aos seu amigos e clientes que mudou a sua residência e consultório médico-cirurgico para a rua do Comércio (^{hoje} ~~Luzitana~~) nº 51, junto à loja do Chiado.

do "Diário de Campinas", de 27 de julho de 1890:

"Dr. Guilherme da Silva, mudou sua residência e consultório para a rua do Bom Jesus nº 32, canto da rua Alvares Machado (^{Casa que conhecemos, de tijolos aparentes, demolida para o alargamento da rua}).
 Adquirio ~~após~~ para sua residência uma quadra de terreno com ~~casa~~ grande casa na rua Sebastião de Sousa esquina de Saldanha Marinho e frente para o Largo da Beneficência, formando nesta quadra uma chácara com vasto pomar e criações próprias e onde residiu até falecer.

~~por de sua autoria.~~

Reliz-nos a "Cidade de Campinas" de 16 de junho de 1912, ao noticiar seu falecimento:

"Era ele uma formosa estampa masculina — e o seu organismo aparentava uma robustez física irreparável que estava longe de denunciar um fim tão próximo

Verdadeira figura de fidalgo tinha ele, e fidalgo de fato o era, quer no seio de sua ~~família~~ distinta família que o idolatrava, quer no grêmio dos seus inúmeros amigos e admiradores. Antes de lhe combair o corpo ao trágico golpe da enfermidade que afinal o vitimou, não havia quem o iguale-se na presteza e no chiste com que a cada passo desabrochava o seu apurado humorismo.

A' cabeceira de um doente, a sua alegria empolgante e a sua serena confiança no próprio saber muito concorriam para levar os mais desanimados a coragem e a esperança do restabelecimento,

E tudo isto se ~~restinguiu~~ ^{restinguiu} quando ainda tanto era lícito esperar daquela nobre e

prestante inteligência, sempre votada
ao bem. ~~o sempre a prodigar liberalmen-~~
~~te flores, muitas das quais adornam~~
~~estas mesmas colunas onde, de tempos a~~
~~tempos, refulgia, sob discretos pseudôni-~~
~~mos a sua apreciada colaboração.~~

"Para Campinas veio ele na primeira
vera da vida, quando o coração se lhe
expandia em risos e afetos e, construindo
o seu lar feliz prestou a esta cidade, nas
crises agudas das suas desoladoras epi-
demias de outrora, os mais relevantes ser-
viços, não inferiores aos que continuou a
prestar enquanto a saúde lho permitia,
a todos quantos a ele recorriam", "o verdadei-
ro apóstolo da ciência e da caridade e o
sincero e afetuoso amigo,"

"Foi chefe da clínica médica da Santa
Casa de Misericórdia e médicos da Real So-
ciedade Portuguesa de Beneficência, institu-
tos a que prestou os mais assinalados ser-
viços, havendo extendido a outras insti-
tuições locais o concurso eficiente do seu
~~alto~~ valor profissional"

"Devido à sua rara intuição clínica conquistou a primazia entre os colegas, sendo o seu posto de consulta a Farmácia Sales, em horas de lazer, ponto de reunião da fina intelectualidade de Campinas dessas eras"

"Ai, fraternalmente ligado a Rafael Gonçalves de Sales, com este dividiu todos os segredos de sua existência pródiga em benefício, tanto assim que nós temos que considerar como irmãos, de fato, esse distinto cidadão a quem nos referimos"

"O governo de Sua Magestade Imperial do Brasil agraciou o egrégio finado com a comenda da Uadem da Rosa, não por seus feitos políticos, mas por merecimentos de civismo."

Em sua última moléstia recolheu-se ao Instituto Paulista de São Paulo, onde "visitado pelo nosso ilustre diocesano o conde" Dom João Batista Corrêa Neri "de quem era amigo e de quem fora médico, embora em seus últimos momentos, apertando-lhe as mãos e curvando desse

CMP 2.1.9.6.8-16 21

preclaro príncipe da Igreja as palavras de
~~Fe~~ Fé e os acenos da vida futura, apertou
as mãos do magno sacerdote, recebendo
deste a absolução "in articulo mortis", expi-
rando como um crente".

Guilherme de Almeida

Cantam os poetas a primavera, a
primavera das flores, a primavera da
vida, fantasiando para a mocidade
cheia de desejos, plena de sonhos ro-
mânticos e floridos mas que passam
fugases, que se esvaem logo até o
doído suspirar do "ai balanços do
meu galho"... Tudo sublimam e como
a sublimação, para ser mais subli-
me, não se deve alongar, transformam-
na em "eco de um rumor cantando
em meu ouvido"

Entre acordar com os poetas e re-
viver de memória o já vivido por
anos e anos, aflora o rebuscar do

passado nas lembranças doces, nas cartas, nas flores murchas e nos livros de versos em que esplendem os arroubos de um encantamento.

Ha quase sete décadas, tivemos duas primeiras edições de livros de versos de estreia do autor campinense. Ser e oferecer-los à namorada, foi coisa de um instante. Mas eles, cheios de petalas e raminhos murchos, cada um com sua história de ternura, com seu passado de amor, rápidos ~~de~~ voltaram às nossas mãos quando a namorada se tornou esposa. Assim, o "Nós (1917) e o "Dança das Horas" (1919) são preciosidades afetivas que conservamos, envolvendo recordações e saudade que constituem o "melhor livro aberto que nós folheamos de alma deslumbrada."

E ainda os relemos quando o

lar se vai tornando silencioso, depois
de ter estado cheio de vida, de alegria,
do sorriso dos filhos e do gargalhar
dos netos para que pudéssemos dizer
à doce companheira: "do entero e do
amor fez-se uma aurora, para um
lar que de sonhos se alcandora e que
hoje vive num roseiral em flor. Saudades... reluz... mas reluz de
amor!"

A Academia Campinense de Letras
fez Guilherme de Almeida ser seu mem-
bro honorario, comunicando-lhe isto
por ofício atencioso. Mas não teve respos-
ta nem agradecimento, causando-me
surpresa, logo em seguida, uma inter-
pelação que me fez um médico amigo,
perguntando-me porque Guilherme
de Almeida se recusava a vir a Cam-
pinas. Nada me foi possível respon-
der, mas percebi logo que um ~~inte-~~

inimigo da Academia Campinense, havia nos caluniado para Guilherme, e publiquei pelo "Correio Popular" ^{a 2 de abril de 1966,} o artigo que denominei "Três Guilhermes" e que foi levado ao poeta pelo nosso valoroso confrade, Milton Duarte Segurado, ^{que assim,} ~~possivelmente~~ possivelmente, tenha afastado de Guilherme o veneno que lhe ministrara nosso inimigo. Guilherme se transformou e aceitou o convite que lhe fez, em 1968, o Clube dos Poetas com, ~~seu esposo~~ Brita e seu esposo Coronel Pettená, para visitar Campinas, o que ocorreu, ^{a 20 de dezembro,} ~~a 20 de dezembro,~~ ~~na cidade de~~ ~~citado jornal~~ ~~uma crônica intitulada "Uma Festa de Principes"~~ entrando ele pelo parque do Clube Militar entre alas de amigos e admiradores que o aplaudiam cantando a "Canção do Expedicionário:

~~"Vocês sabem de onde eu venho?"~~

Voce sabe de onde eu venho?

Venho do morro, do eugenho,
das selvas dos cafesais

Da boa terra do coco

Da choupana onde um é pouco

Dois é bom três é demais.

Venho das praias sedosas

Das montanhas alterosas

Do pampa do seringal

Das margens crespas dos rios

Dos verdes mares bravios

Da minha terra natal!

Seguiu-se a refeição quando
Guilherme agradecia referendo-se
a Campinas: ~~Essa~~ "essa terra útil
que ainda sonha porque acredita
nos poetas, essa terra neste

instante, é esta nossa, bem nossa,
~~sem~~ sempre nossa, cada vez
mais nossa, Campinas". "Campi-
nas amorosa amada minha de
vós/trazendo a luz do meu pri-
meiro dia/o amor dos meus e o
amor aos meus/ eu deixei de ser
"eu" para ser "Nós". [É este
"Nós" seu primeiro livro de ver-
sos publicado já traziam as
joias do seu estro;

~~O pequeno livro~~
^{A primeira}

O pequeno livro em que me atrevo
a mudar numa trêmula cantiga
todo o nosso romance, ó minha amiga,
será mais tarde nosso eterno enlevo.

Tudo que fui, tudo que foiste eu deo
dizer-te: e tu consentirás que o diga

que te relembrare a nossa vida antiga,
nos dolorosos versos que te escrevo.

Quando, melhos e tristes, na memória
rebuscarmos a triste e velha história
dos nossos pobres corações defuntos,

que estes ^{versos} versos, nas horas de saudade,
prolonguem numa doce eternidade
os poucos meses que vivemos juntos.

Segunda

Eu não sei quem tu és. Sonheste lúida,
amei-te em sonho e viro neste sonho.

Para encontrar-te, numa dor infinda
puz-me a caminho, pálido e tristonho,

Tu não sabes quem sou. Sonhas-me ainda
a alma triste dos versos que componho,
E, suspirando pela minha vida,
pulsa, em teu peito, o coração no sonho.

Quinta

Vem, partamos, que o mundo nos espera!
Não te assombrem os montes sem luas,
nem estranhes as pedras que pisares,
nem te engane a miragem de quimera,

Muito espunko has-de ver, que dilacera
a própria flor de que brotou. Não pares:

Veras, no estio, névoa pelos ares
e morrerem jardins, na primavera

Mas que importa? Sou moço, é bela e temos
um bem que nós somente conhecemos
e que a vida não dá porque não tem.

Vamos com nosso amor, vamos agora,
de olhos fechados, pela vida a fora,
de braços dados, pelo mundo além!

Palavra na Academia Campense
de Letras - aos 2-VII - 1990